

EDITORIAL

J. ALVES-FERREIRA | L. BACELAR ALVES | S. GOMES

Outono de 2019. Na secção [Territórios da Arte], C. A. Gonçalves escreve sobre São Martinho, invocando, deste modo, o ciclo de festividades da estação do ano em que nos encontramos. É um texto que, entre a arte e a hagiologia, versa sobre a ética da hospitalidade. Conhecer/Celebrar São Martinho é, assim, um modo de aprender sobre a importância da hospitalidade como modo de pensar e agir face aos desafios do mundo contemporâneo. Na mesma secção, J. Antunes apresenta o projeto À margem, no qual o fenómeno artístico é abordado de modo transdisciplinar no sentido de compreender as geografias da arte. I. Pinto fala-nos sobre o património azulejar da Figueira da Foz, designadamente da Casa do Paço; apresenta em pormenor os temas bíblicos representados nos azulejos deste edifício, convidando o leitor a consultar a sua tese de mestrado onde desenvolve o estudo.

Nos [Arquivos da Terra], encontram-se três artigos que têm em comum um tipo de dispositivo arquitetónico da pré-história recente europeia: os recintos murados. S. Lopes escreve sobre um projeto iniciado há 30 anos: o estudo do Castelo Velho de Freixo de Numão. É um texto que discute os limites e as possibilidades da arqueologia pré-histórica e, especificamente, o modo como tais limites e possibilidades foram variando ao longo dos 30 anos de estudo de Castelo Velho. É um texto sobre o modo como a prática arqueológica é uma procura da singularidade dos vestígios; uma procura contingente que pode ser interpelada a qualquer momento por um qualquer vestígio ou interrogação. J. Alves-Ferreira apresenta o arquivo de registos polaroid que tem vindo a colecionar na sua experiência em Castanheiro do Vento (outro dos recintos da Pré-história Recente do Alto Douro); é um ensaio que procura dar atenção à contingência da escavação e acolher a momentaneidade dos seus registos. A. Canha apresenta o seu projeto de doutoramento, no qual o estudo desta tradição arquitetónica é alargado a períodos proto-históricos, contribuindo, deste modo, para a compreensão do modo como dispositivos arquitetónicos, que recorrem a métodos construtivos semelhantes, colocam em cena diferentes mundividências.

A villa romana de São Cucufate é protagonista da secção [Traços das Heranças]. Há quarenta anos começou o estudo desta estação emblemática da arqueologia romana em Portugal; um marco celebrado pelo CEAACP, em associação com outras instituições – designadamente, a DRC Alentejo e o Município de Vila Frades. M. C. Lopes, apresenta o conjunto de atividades de comemoração da memória do lugar e da investigação desenvolvida. R. Alfenim escreve também sobre esta memória e sobre o dever de usar esta memória (uma memória das comunidades romanas e das comunidades de arqueólogos) como modo de transformar caminhos; de procurar alternativas de futuro. Por último, A. G. Soca escreve o modo como explorou a interseção de projetos, memórias, expectativas na instalação INTEMPORAL, uma das atividades que visava comemorar o projeto de São Cucufate e colocar em diálogo a diferença com que cada um contribui para a emergência e atualização deste lugar.



Diffused Reality: space, memory, text.

Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) | Campanha de escavações de 2009. (Polaroid de Joana Alves-Ferreira)